

NÓTURNO

(F. Durrenmat)

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENÁRIO A DJ TEX  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS À NOVA AUTORIZAÇÃO

REPRESENTANTE N.º 1. 2. 3. 4.

Personagens: O HOMEM - O OUTRO.

TILINTA A VIDRAÇA DE UMA JANELA. O HOMEM TRANQUÍLO E EM VOZ ALTA:

O HOMEM - Entra por favor. (SILÊNCIO).

Vamos lá, entre. Não faz sentido permanecer do lado de fora da janela a uma altura tão incômoda, uma vez que subiu até aqui em cima. Eu vejo-o bem. Lá fora atrás das suas costas o céu, apesar de escuro, está mais claro do que a escuridão deste quarto. (UM OBJETO CAI NO CHÃO). Você deixou cair a lanterna.

O OUTRO - Raios me partam.

O HOMEM - Não vale a pena procurá-la pelo chão afora. Eu vou acender a luz. (RUÍDO DE UM INTERRUPTOR).

O OUTRO - Muito obrigado, senhor.

O HOMEM - Pois bem. Aí está você. Vendo-nos assim, a situação torna-se mais simpática.

(OUTRO TROPEÇA NUM MÓVEL E DERRUBA UMA PILHA DE LIVROS).

O OUTRO - Desculpe. -

O OUTRO - Lastimo muito.

O HOMEM - Não faz mal. Já não terei oportunidade de me preocupar com eles

O OUTRO - Afinal a minha profissão não é a de subir em fachadas e arrombar casas. O que se exige agora de nós é um inferno...

Lamento ter sido tão desastrado, senhor!

O HOMEM - Isso acontece.

O OUTRO - Julgava...

O HOMEM - Julgava que eu dormia no outro quarto. Compreendo. Você não podia adivinhar que a esta hora eu estivesse sentado aqui, na escuridão.

O OUTRO - As pessoas normais estão na cama a esta hora.

O HOMEM - Assim é quando os tempos são normais.

O OUTRO - O senhor escreve livros? Esta peça está cheia deles.

O HOMEM - Sou escritor.

O OUTRO - Haverá quem leia os livros que o senhor escreve?

O HOMEM - São muito lidos em toda a Zona Proibida.

O OUTRO - E nas Zonas Abertas.

O HOMEM - Detestam.

O OUTRO - Neste momento há alguém aqui além do senhor?

O HOMEM - Estou só.

O OUTRO - Melhor assim. Precisamos de sossego absoluto. O senhor deve compreender isso.

O HOMEM - Claro.

- O OUTRO - O senhor faz bem em não criar dificuldades.
- O HOMEM - Veio para me matar?
- O OUTRO - É essa a minha tarefa.
- O HOMEM - Assassinar é para ti uma tarefa que **lhe** encomendam?
- O OUTRO - É o meu ofício.
- O HOMEM - Sempre tive o pressentimento de que existiam assassinos profissionais.
- O OUTRO - Assim é, senhor. Eu sempre fui um carrasco... com inscrição na A.S.C.
- O HOMEM - A.S.C.? O OUTRO - Associação Secreta dos Carrascos.
- O HOMEM - Então és um carrasco. (PAUSA) O meu carrasco. (COM IRONIA)
- O OUTRO - O senhor esperava um outro?
- O HOMEM - Não.. em verdade, não.
- O OUTRO - O senhor encara o seu destino com dignidade.
- O HOMEM - Falas muito bem para um carrasco.
- O OUTRO - Ultimamente trato com pessoas muito instruídas.
- O HOMEM - É pelo menos consolador saber que a instrução é uma coisa perigosa. Queres sentar?
- O OUTRO - Sento-me um pouco aqui, se isso não o incomoda, senhor.
- O HOMEM - Faz de conta que está em tua casa. Dá-me licença que te ofereça um copo de aguardente?
- O OUTRO - Obrigado, mas agora não. Eu nunca bebo antes. Para que a mão conserve a sua firmeza. Só depois, senhor.
- O HOMEM - Neste caso terás que servir a ti próprio. Comprei especialmente para ti.
- O OUTRO - O senhor sabia que tinha sido condenado à morte?
- O HOMEM - Aqui está tudo condenado à morte e nada mais resta a fazer senão olhar para fora da janela, fixar os olhos no infinito dos céus, e, esperar...
- O OUTRO - Pela morte?
- O HOMEM - Pelo assassino! E afinal por quem mais poderíamos esperar? **Agora só se compreende o que é realmente primitivo. A morte.** As coisas seguem um curso tão lógico como se estivessem caindo dentro de uma máquina de moer carne. Os meus amigos tomaram a decisão de continuar vivos e mantêm-se à distância, porque todo aquele que me visita é condenado à morte. Estou portanto fechado no cárcere hermético da proscricção oficial do Klan. Algum dia porém teriam que romper as muralhas da minha solidão. Algum ser humano chegaria, mesmo que fosse apenas para me trazer a morte. Foi por essa pessoa que esperci, uma pessoa que pensasse como aqueles que são os meus verdadeiros assassinos. Eu desejava por mais uma vez, pela última vez, dizer então a esse indivíduo porque razão combati toda a minha vida. Queria mostrar-lhe o que é a liberdade e desejava provar-lhe que um homem livre não tem medo. E agora quem me aparece? Tu! (Desprezo)
- O OUTRO - O carrasco.
- O HOMEM - Com quem nem vale a pena falar.

- O OUTRO - O senhor me despreza?
- O HOMEM - Mas quem poderia ter consideração por ti, que és o mais vil de todos os homens?
- O OUTRO - No entanto teria consideração por um assassino?
- O HOMEM - Como a um irmão, e teria lutado com ele como se luta com um irmão. O meu espírito venceria na hora triunfal de minha morte. Porém, apenas me apareceu através da janela um encarregado de matar e que pelas suas mortes um dia receberá uma aposentadoria. Um funcionário que poderá adormecer sobre um sofá com o estômago cheio como uma aranha repelenta no canto da sua teia, depois de ter devorado uma vítima.  
Bem vindo, ô carrasco!
- O OUTRO - Obrigado.
- O HOMEM - Sentes-te embaraçado. É compreensível, porque um carrasco não sabe replicar. Muito prazer em conhecê-lo carrasco.
- O OUTRO - O senhor não tem medo?
- O HOMEM - Não. Como pensas em realizar a execução?
- O OUTRO - Silenciosamente.
- O HOMEM - Há de ter consideração pelas pessoas que moram neste prédio.
- O OUTRO - Trouxe um punhal comigo.
- O HOMEM - Portanto, um método cirúrgico. Terei que sofrer muito?
- O OUTRO - Será rápido. Acaba tudo em poucos segundos.
- O HOMEM - Já mataste muitos dessa maneira?
- O OUTRO - Sim, muitos...
- O HOMEM - Ótimo. Pelo menos eles mandaram um especialista. Que tenho que fazer agora? Alguma coisa em especial?
- O OUTRO - Se quiser desabotoe o colarinho.
- O HOMEM - Antes disso posso acender um cigarro?
- O OUTRO - É claro. É uma questão de honra conceder isso a todos.
- O HOMEM - São cigarros mentolados. Não queres um?
- O OUTRO - Só depois.
- O HOMEM - Tu fazes tudo, mas só depois, não. Por causa da mão tremer. Então fica o cigarro ao teu alcance.
- O OUTRO - O senhor é muito bondoso.
- O HOMEM - Os homens são sempre bondosos para os cães.
- O OUTRO - Aqui tem fogo.
- O HOMEM - Obrigado. E agora já abri a camisa.
- O OUTRO - Na verdade, senhor, eu lastimo muito.
- O HOMEM - Também eu acho a situação ligeiramente lastimável.
- O OUTRO - No entanto devia considera-se com sorte por tudo acontecer esta noite com tanta discrição.
- O HOMEM - Sinto-me sem dúvida extremamente favorecido e agradecido.
- O OUTRO - O senhor disse que era escritor...
- O HOMEM - E aí...
- O OUTRO - Será por isso que o senhor é pela liberdade.

- O HOMEM - (EM SILÊNCIO APENAS OLHA.)
- O OUTRO - Agora todos vocês que eu tenho de matar são pela liberdade.
- O HOMEM - Ora, que sabe um carrasco sobre liberdade?
- O OUTRO - Nada, senhor.
- O HOMEM - Claro.
- O OUTRO - O senhor deixou apagar o seu cigarro.
- O HOMEM - Eu sei que estou um tanto nervoso.
- O OUTRO - Quer morrer agora?
- O HOMEM - Mais um cigarro, se me for permitido.
- O OUTRO - Fume à vontade. A maioria fuma sempre um cigarro e depois ainda mais um.
- O HOMEM - Compreendo. Dois cigarros antes de morrer e uma conversa contigo. Também eu não desejaria perder isso.
- O OUTRO - Apesar de me desprezar.
- O HOMEM - Nos acostumamos até mesmo ao que há de mais desprezível, mas então, quando isso acontece, chegamos à altura propícia para morrer.
- O OUTRO - Mais uma vez aqui tem o fogo.
- O HOMEM - Obrigado.
- O OUTRO - Todos têm um pouco de medo.
- O HOMEM - Sim, um pouco.
- O OUTRO - Uma pessoa despede-se da vida com relutância.
- O HOMEM - Quando já não há justiça, despedimo-nos da vida com facilidade. Mas tu, da Justiça, também nada percebes.
- O OUTRO - Nada, senhor, também nada.
- O HOMEM - Eu jamais poderia supor o contrário.
- O OUTRO - A justiça é uma coisa de vocês, que mandam lá fora. É difícil compreendê-la. Ela varia sem cessar. Existe sempre uma nova justiça. Vivo numa prisão. Mandam-me para fora só agora nos últimos anos e apenas à noite. Percebo então a rapidez com que o destino muda. A contínua queda e ascensão dos poderosos, e o silencioso desaparecimento dos fracos. Para mim, no entanto, fica tudo na mesma. Sempre as mesmas muralhas cinzentas, a mesma umidade a ressumbrar das paredes, sempre os mesmos pálidos vultos conduzidos a mim, sempre a hesitação e o receio quando me olham e sempre a tarefa de cutilar indiscriminadamente culpados e inocentes, batendo e voltando a bater como um machado a rachar lenha, e batendo e batendo como um martelo a quem nada se pergunta e nada se diz.
- O HOMEM - É que tu és um carrasco.
- O OUTRO - Sim, tudo o que sou é ser carrasco.
- O HOMEM - Para um carrasco nada tem valor!
- O OUTRO - Mas sim. A maneira como se morre, senhor.
- O HOMEM - A maneira como a gente é trucidada, queres dizer.
- O OUTRO - Existem diferenças enormes.
- O HOMEM - Diga-me então essas diferenças.
- O OUTRO - O que o senhor quer saber é, de certo modo, a arte de morrer.
- O HOMEM - Parece que é a única arte que temos que aprender.
- O OUTRO - Não sei se essa arte se pode ensinar nem como se pode aprender. A princípio tudo me parecia muito simples. Eu era

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

pouco mais que um animal sem sentimentos, uma força bruta com a função de executar homens. Eu pensava então: tudo aquilo que se pode perder é a vida, pois nada existe além da vida e é um pobre diabo todo aquele que a perde. Foi por isso, com a finalidade de recuperar a vida, que me tornei um carrasco competente. Havia que merecer a vida. Tornei-me carrasco como qualquer um se torna padeiro ou general: para viver! E viver, para mim, era o mesmo que executar os outros. Não é um raciocínio honesto?

O HOMEM - De certo modo.

O OUTRO - Nada me parecia mais natural que um tipo se defendesse quando tinha que morrer.

O HOMEM - Eu desejaria morrer como um herói. E agora estou a sós contigo.

O OUTRO - A sós comigo no silêncio imenso desta noite.

O HOMEM - Só me resta morrer como o gado no matadouro.

O OUTRO - Há uma outra morte, senhor.

O HOMEM - Então me diga como se faz, para morrer de uma morte que não a das bestas?

O OUTRO - Morrendo com humildade, senhor.

O HOMEM - A tua opinião é bem digna de um carrasco. Canalha. (TENTA AGREDIR FISICAMENTE O CARRASCO).

O OUTRO - Não faz sentido lutar comigo.

O HOMEM - Mas não é como uma pedra que se afunda, silenciosamente e sem um grito que a minha morte se perderá na imensidão da noite. Gritarei através desta janela aberta para a rua, vou gritar para toda a cidade. (ELE GRITA). Escuta povo, aqui alguém luta com seu carrasco. Aqui alguém é abatido como se fosse uma rês. Levanta da cama, povo! Vem e olha. O que hoje acontece comigo amanhã pode ser contigo. (SILÊNCIO).

Você não me impede de gritar?

O OUTRO - Não.

O HOMEM - Então eu continuo a gritar.

O OUTRO - Como queira.

O HOMEM - (INDECISO) - Não queres lutar comigo?

O OUTRO - A luta começará quando eu me decidir a por-te as mãos em cima.

O HOMEM - És o gato que brinca com o rato.

SOCORRO! SOCORRO! (SILÊNCIO).

O OUTRO - Continua o silêncio na rua.

O HOMEM - Como se eu não tivesse gritado.

O OUTRO - Ninguém vem.

O HOMEM - Ninguém.

O OUTRO - Volte a gritar mais uma vez.

O HOMEM - É inútil.

O OUTRO - Todas as noites há alguém que grita para a rua como o senhor e ninguém o auxilia.

O HOMEM - Morre-se sozinho. É demasiado grande o medo. (SILÊNCIO).

- O OUTRO - Não quer voltar a sentar-se?
- O HOMEM - Pouco mais me resta.
- O OUTRO - Beba uma aguardente.
- O HOMEM - Isso faz bem, quando nos preparamos para lutar contigo.  
Toma, canalha.
- O OUTRO - Que exaspero o seu.
- O HOMEM - Jogo -te a aguardente na cara e continuas calmo. Nada te desconcerta.
- O OUTRO - Afinal não sou eu que tenho que morrer esta noite, senhor.
- O HOMEM - O carrasco vive eternamente. Até agora eu tenho lutado com aquelas armas que são dignas de um homem, com as armas do espírito. Fui um D. Quixote que avança sobre uma besta feroz, armado apenas de boa prosa. Que ridículo! E agora, machucado e esfarrapado pelas tuas patas, sou obrigado a defender-me à dentada. Que perspectiva tão animadora, que comédia! Eu luto pela liberdade e nem sequer possuo na minha casa uma arma para matar a tiro o carrasco. Posso fumar ainda mais um cigarro?
- O OUTRO - Não necessita pedir, e se ainda quiser lutar comigo... (SILÊNCIO)
- O HOMEM - (BAIXINHO) Eu já não posso lutar mais.
- O OUTRO - Nem é preciso que o faça.
- O HOMEM - Sinto-me cansado.
- O OUTRO - Isso acontece a todos.
- O HOMEM - Perdoa-me.
- O OUTRO - Eu o compreendo.
- O HOMEM - Tens que ter paciência comigo. Morrer é uma arte muito difícil.
- O OUTRO - É melhor que eu lhe dê fogo.
- O HOMEM - Como das vezes anteriores.
- O OUTRO - Exatamente.
- O HOMEM - Obrigado. Apenas mais este e então não criarei mais dificuldades. Entrego-me com resignação a ti.
- O OUTRO - Como os humildes, senhor.
- O HOMEM - De que serve ser humilde na morte? Quando se está perante o carrasco é indiferente a pose que se adota. A partida está perdida.
- O OUTRO - Não concordo.
- O HOMEM - És modesto, carrasco. No entanto hoje és o grande vendedor.
- O OUTRO - Falo do que aprendicom aqueles que morrem inocentes e humildes.
- O HOMEM - O quê! Tu aprendes também com os inocentes que matas?  
Isso é que é ser prático!
- O OUTRO - Não, esqueci uma única dessas mortes.
- O HOMEM - Deves ter uma memória privilegiada.
- O OUTRO - É a única coisa que penso, senhor.
- O HOMEM - Que te ensinaram os inocentes e humildes?
- O OUTRO - Aquilo que eu posso vencer e aquilo que é invencível.
- O HOMEM - Tem então um limite o teu poder? (SILÊNCIO). Então? Hesitas?  
Ora, chegamos à miséria de apenas os carrascos poderem filosofar. Eu escuto.

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

O OUTRO - O poder que me foi conferido, e que eu, senhor, executo com as minhas mãos, o semicírculo cortante e prateado do cutelo, o reluzir silencioso do punhal que procura na escuridão da noite o seu alvo ou a corda macia com que enlaço um pescoço, constitui apenas uma pequena parte do poder daqueles que oprimem os homens neste mundo. Todas as violências se assemelham e portanto o meu poder, é também o dos poderosos; quando eu mato, são eles que matam por meu intermédio, eles estão em cima e eu embaixo. Os seus pretextos variam desde o mais espiritual e elevado até o mais vil. Sô eu não tenho pretextos. Eles dominam e na base do seu terror está o meu rosto taciturno; é nas minhas mãos ensanguentadas que a força deles encontra finalmente a sua última forma, como pus que se acumula e junta num abcesso. Eu estou aqui porque todo ato de violência está errado e assim - como sou eu que me encontro sob esse teto, sentado em frente da minha vítima, e como aperto o cabo de um punhal - todos me desprezam. A ignomínia é assim retirada dos poderosos e lançada sobre os meus ombros . Eu sou temido: porém os poderosos são temidos mas também admirados e invejados pelos outros; e gozam de boa fortuna, porque o poder seduz, e eles se fazem amados por aqueles que deviam odiá-los. Quem está em cima vive do poder concedido pelos que estão cá em baixo, e vice-versa. Há uma amálgama de violência e medo, de cobiça e de baixaza que tudo envolve, e que no fim produz um carrasco a quem se teme mais do que a qualquer um. A tirania em cadeia que leva cada vez mais indivíduos para o matadouro, a tirania sem sentido porque nada muda e apenas consegue destruir, pois uma violência gera sempre uma nova violência, uma tirania, uma outra tirania, e continuamente assim, sempre neste círculo vicioso como nas espirais que se afundam no inferno.

O HOMEM - Cala-te!

O OUTRO - O senhor queria que eu falasse.

O HOMEM - como escapar de ti!?

O OUTRO - Do seu corpo eu posso apoderar-me, senhor, ele está na alçada da violência, pois tudo o que se desfaz em pó sujeita-se a ela; mas sobre aquilo porque o senhor tem lutado eu não tenho poder algum, pois não é pó. É isso, que eu, um carrasco, um homem desprezível, aprendi dos humildes, aqueles que o meu punhal cortava e que não se defendiam de mim: aqueles que na hora da morte injusta se despojam do orgulho e do medo, e também do seu direito, para morrer como as crianças morrem, sem amaldiçoar o mundo, e alcançar uma vitória, como nenhuma jamais alcançada por um tirano. Na maneira silenciosa e clara como eles desfalecem, na sua paz de espírito, que também me protege e envolve como uma oração. Sim nestas coisas - que para o mundo nada mais são que uma gargalhada, ou menos ainda, um simples encolher de ombros - revela-se a impotência dos injustos, a vacuidade inútil da Morte e a realidade da existência daquela Verdade sobre a qual eu não posso ter autoridade nenhuma e que

**Teatro de Arena**  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

nenhuma prisão encarcera, pois cada opressor, cada indivíduo que recorre à violência está encarcerado dentro da escura e abafada masmorra <sup>de seu</sup> próprio ser. Se o homem fosse apenas corpo seria tudo muito fácil para os tiranos. Eles podem construir os seus impérios, como se constrói uma muralha, bloco a bloco - até formar um mundo feito de pedra. Os tiranos, é certo, podem construir muito, erguer templos gigantescos; podem engenhar planos ousados e recorrer a intrigas astuciosas. Porém, dentro dos indivíduos que eles aviltam e usam para executar os seus planos - sim, mesmo nessa fraca e débil matéria-prima - arquejará a consciência viva de como deveria ser o mundo, e a constatação de como ele de fato é; e serão lembradas as finalidades de Deus ao criar o homem para se concluir que este mundo terá de ser destruído para que venha a nós o Reino de Deus, como uma força que irrompe com mais potência que a do átomo e que voltará a formar o Homem sempre de novo; como fermento existente na massa inerte que ao levantar-se reventará os redutos da violência do mesmo modo que a água mole obriga a pedra dura, e o poder desta, a ficarem reduzidos a pó e areia com que até uma criança brinca e deixa escorrer pelas mãos.

O HOMEM - Bobagens. Apenas bobagens!

O OUTRO - Hoje em dia só as bobagens têm importância.

O HOMEM - Acabou-se o cigarro.

O OUTRO - Mais um?

O HOMEM - Não. Já não.

O OUTRO - E agora?

O HOMEM - Fecha a janela. Daqui há pouco amanhecerá.

O OUTRO - Pronto, já fechei a janela, senhor.

O HOMEM - Quis eu falar ao meu assassino de coisas elevadas e foi ele que me falou de coisas simples. Lutei por uma vida melhor no mundo, para que não fôssemos explorados como besta de carga que se atrela a uma carroça. Para que existisse a liberdade, de modo a não sermos apenas prudentes como as serpentes, mas também dóceis como as pombas; e, finalmente, para que não tivéssemos de ser estourados em qualquer matadouro, em qualquer terreno lodoso, ou mesmo nas tuas mãos sujas de sangue; para que não tivéssemos de passar este medo. Este medo aviltante que se tem ao teu ofício. Era uma luta por necessidades perceptíveis! Mas quando se chega ao ponto da morte vir do céu vazio e penetrar no íntimo do nosso quarto, então pode-se ser novamente humilde. Deppis disso o que se segue já não é da nossa competência. Já não está nas nossas mãos. A luta que travamos foi boa, mas a nossa derrota é melhor ainda. Anda, apaga a luz, carrasco, os primeiros raios da madrugada conduzirão as tuas mãos.

O OUTRO - Como melhor desejar, senhor.

O HOMEM - Está bem assim.

O OUTRO - Levante-se, senhor.

O HOMEM - Nada mais tenho a fazer. Já chegamos onde tínhamos de chegar. Pega agora a faca.

O OUTRO - Sente-se bem nos meus braços, senhor?

O HOMEM - Muito bem. Pode cravar.